

COM VISTA PARA O ATLÂNTICO

Reflexões de um social-democrata eleito

Acabo de ser eleito presidente de câmara num contexto difícil. Feitas as contas, constato que Cascais é a maior câmara do país liderada por um social-democrata



Carlos Carreiras

Mais de 30 anos passados sobre a sua morte, é extraordinário que seja possível ler os resultados das eleições autárquicas com as lentes políticas de Francisco Sá Carneiro. Talvez as palavras do fundador do meu partido nunca tenham feito tanto sentido como agora. “Primeiro o país, depois o partido” ou “a política sem risco é uma chatice e sem ética é uma vergonha” fazem parte do património moral, ético e político que Sá Carneiro legou ao PSD. Dois ideais que nos servem de guia para compreender o que se passou na noite de domingo. Porque é pela perversão destes princípios que muita coisa se explica.

Primeiro o país, depois o partido. Como partido, como colectivo, não tenho ideia de o PSD ter aplicado alguma vez tão literalmente a máxima de Francisco Sá Carneiro. Paradoxalmente, muitos que estavam dentro do PSD procuraram afastar-se dela como o diabo da cruz. O contraste entre o partido e algumas pessoas é claro. Antes e depois das eleições, o PSD foi sempre o mesmo partido e manteve o mesmo discurso. Isso teve um custo eleitoral – a verdade e a frontalidade têm sempre um preço a pagar em política. Mas o que se perdeu em votos talvez tenha sido ganho em dignidade e maturidade

de democrática – o tempo o dirá. O que já sabemos é que dignidade e maturidade foram precisamente o que faltou a quem subverteu o princípio de primazia do país sobre o partido. Infelizmente não foram poucos os que passaram por cima de tudo e de todos para forjar uma nova regra: primeiro o lugar, depois o partido e, por fim, o país. Políticos (sim, com “p” (de) pequeno) que têm um umbigo demasiado grande para um cérebro demasiado pequeno. Gente que tenta ser dissidente (porque ser dissidente implica ter a coragem de pensar diferente, e essa gente não tem) mas que não passa de oportunista (porque o que os move é o poder e só o poder, o seu interesse e só o seu próprio interesse). Gente que se esquece que só existe politicamente porque foi militante ou dirigente do partido. Pior, gente que se considera maior que o partido e acima das instituições, qual divindade política.

Houve quem preferisse lixar as eleições para salvar o país. Outros correram para salvar as eleições mesmo lixando o país. Para o futuro, e porque o país precisa do PSD, é fundamental fazer uma viagem de regresso às origens do partido mais genuinamente português. Aquele PSD mosaico que é simultaneamente rural e urbano, proletário e burguês, católico e progressista, popular e sofisticado. Um PSD que, apesar de todas as crises das ideologias, tem de se assumir como uma força liderante da social-democracia reformadora.

A política sem risco é uma chatice e sem ética é uma vergonha. Pelas circunstâncias especiais que o país vive, nestas autárquicas todos os candidatos estavam sujeitos a

algum tipo de risco. Aos do PSD coube o risco inerente a quem concorreu com as siglas do partido do governo. Para estes, um bom resultado apenas podia depender de méritos próprios e de factores internos, como uma boa estratégia para a sua terra ou, no caso dos que estavam em funções, pelo valor que o eleitorado atribuiu à obra feita ou à proximidade às populações. Já os do PS, bafejados por factores externos, podiam ter arriscado ser sérios nas propostas. Afinal de contas não há ilusões de que se o governo fosse socialista o posicionamento perante esta crise de soberania seria exactamente o mesmo. Mas não: os candidatos do PS que partiam à conquista de câmaras preferiram um discurso feito para um país que não é o nosso. A decisão dos eleitores, porém, está tomada e é para respeitar.

E se até podemos viver sem risco na política, sem ética a convivência democrática torna-se insuportável. Em Cascais convivi, ao longo de três anos, com uma oposição anónima e difamatória, feita a partir de blogs e do Facebook. Nestas eleições, apadrinhados por forças de oposição e incentivados por ex-militantes do meu partido, esses ataques virtuais ganharam contornos de uma campanha negra, profissionalizada e com elevado poder financeiro, que os eleitores penalizaram violentamente. Para esses sobrou pouco: perderam a votação nas urnas e a dignidade aos olhos dos cidadãos. Que tenham tomado nota da lição de Sá Carneiro: a política (e a vida) sem ética é uma vergonha.

Presidente da Câmara de Cascais

Escreve à quarta-feira